

Anos 90, Nouveau Roman

Jean-Max Colard/ Critico de arte, curador e mestre de conferência em literatura francesa na Universidade de Lille

“Não se deve comparar a busca de novas estruturas da narrativa a uma tentativa de supressão pura e simples de todo evento, de toda paixão, de toda aventura”

Alain Robbe-Grillet, *Pour un Nouveau Roman*¹

SINOPSE - É a ideia de uma narrativa crítica. Tratar-se-ia aqui de postular uma herança. Posto que qualquer “cena” artística, qualquer que seja, geográfica ou generacional, é sempre o resultado de uma construção, tratar-se-ia aqui de escrever as bases do romance da cena artística francesa dos anos 90. Encontrar-lhe outro pedestal além do estritamente geográfico, hexagonal. Tratar-se-ia de levantar uma hipótese: dizer tudo o que essas obras publicadas devem às teorias críticas e às experimentações narrativas dos anos 60-70. Tratar-se-ia, em geral, de considerar Pierre Huyghe, Philippe Parreno, Pierre Joseph, Dominique Gonzalez-Foerster, Valérie Mréjen e outros como os herdeiros simbólicos, indiretos, e às vezes até inconscientes da desconstrução derridiana, da narratologia, da semiologia barthesiana e do antiÉdipo de Deleuze e Guattari, mas também o estilhamento das narrativas efetuado pelos escritores do *Nouveau Roman*² ou os dispositivos textuais de um Georges Perec. Herança indireta que não passa necessariamente pela leitura direta das fontes, mas que se encontrou em outras transmissões, teóricas ou visuais, tais como o cinema ou a psicanálise. Herança desviada também, pois se desloca de um campo da criação para outro, que acontece na cena crítica, teórica ou narrativa, literário numa palavra (no sentido moderno do termo “literatura”, entendida ao mesmo tempo como uma produção de escritos e um objeto de estudo científico), na área das artes visuais. Tratar-se-ia, portanto, também de medir as distâncias que separam esses artistas dessas fontes textuais, de avaliar os desvios, as reformulações, as transposições plásticas, fazer “o processo contínuo das diferenças” (Derrida) para construir o melhor possível esta ideia segundo a qual a cena francesa não existe, tanto em relação a um certo nacionalismo territorial quanto no estabelecimento dessa

herança simbólica, na instigação de uma filiação entre a cena artística francesa e esta outra ficção que existia aos olhos principalmente da Universidade e da contracultura americanas, “o French Theory”³ dos anos 70.

“Os herdeiros”

Mesmo se parece óbvio, assim postulada, essa história não é absolutamente linear, pelo contrário muito descontínua, e percorrida por múltiplas rupturas. Foi assim que durante os anos 80 e ainda ao longo dos anos 90, uma parte do terreno intelectual francês dos anos 80 rompeu voluntariamente com o laboratório teórico e narrativo dos anos 70: enquanto a América e o resto do mundo acolhiam com entusiasmo as presenças de Deleuze, Derrida, Kristeva nas suas universidades, a França, pelo contrário, apressava-se a sepultar esses perigosos adeptos do “pensamento de 68” para restabelecer o humanismo cidadão e seu antigo fundo de universalismo abstrato. Esse restabelecimento dos antigos valores se fez principalmente pela denúncia violenta do pensamento francês, taxado de “jargão intelectual”, de “logorria intelectualista”, ou mesmo de *Impos-turas Intelectuais*⁴, de acordo com o título de uma famosa obra que atacou em 1997 “o irracionalismo”, a desonestidade intelectual e “o Fashionable Nonsense” de uma corrente de pensamento inspirada por “Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Félix Guattari, Luce Irigaray, Jacques Lacan, Bruno Latour, Jean-François Lyotard, Michel Serres e Paul Virilio”, e também Jean Baudrillard, Julia Kristeva e Michel Foucault. Belo antiprograma, na verdade, e que constitui, indiretamente ou não, as bases herdadas pela cena artística dos anos 90.

Outra cena de ruptura: não muito distante, e ainda nos anos 80, viu-se o meio editorial francês ambicionar o fim do *Nouveau Roman*. Decretado exangue, ilegível, abstrato demais para a massa dos leitores, elitista e reservado somente aos profissionais da literatura, o *Nouveau Roman* foi criticado como uma via sem saída para a literatura contemporânea. Essa condenação ressoa ainda, intramuros, no campo literário, com o *Nouveau Roman* tendo poucos herdeiros declarados. Em contrapartida, assistiu-se por um lado ao retorno aos escritores de direita tradicional, às formas narrativas acadêmicas e dezenovecentistas, na linhagem dos “hussardos” de Roger Nimier, que se opuseram aos autores do *Nouveau Roman* nos anos 50; encabeçando a lista está Robbe-Grillet. Mas é necessário reconhecer que, por outro lado, essa reviravolta correspondeu a uma nova abertura do campo literário francês, que começou a procurar fora das suas fronteiras territoriais, na literatura de língua francesa da África ou das Antilhas, material

